

Edmundo Juarez Filho

**História e alegoria em *São Bernardo*
de Graciliano Ramos**

Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de mestre em Letras.

Área: Literatura Brasileira.

Orientador: Luiz Dagobert de Aguirra Roncari

São Paulo

-2006-

Capítulo 5: A Revolução de 30

Vou então colocar a cronologia que será defendida nessa parte do trabalho, especificando o período que vai da compra da fazenda até o fim do romance. Este capítulo terá a finalidade, pois, de estabelecer a proposta alegórica inicial e reconfirmar a cronologia proposta nos capítulos anteriores, mostrando ainda algumas teorias referentes à ideologia do romance.

E se o penúltimo capítulo teve por objetivo estabelecer que Paulo Honório é um coronel, fixando assim a cronologia do livro, acoplada a uma cronologia histórica do fenômeno coronelista, e o anterior tentou mostrar como se acumulou o capital de Paulo Honório, via cangaço e estrutura política, aqui tentarei comprovar que a revolução do final do romance é a Revolução de 30. Ou melhor, o final do romance narra o momento revolucionário 30-32.

1918 — volta a Viçosa — **Narrado no capítulo 4.**

1919 (janeiro ou março) — compra de São Bernardo — **Narrado no capítulo 4.**

1919/1920 — dois primeiros anos de proprietário, anos difíceis da administração da fazenda — **Narrado no capítulo 5/6.**

1921 (janeiro ou março) — morte de Mendonça — **Narrado no capítulo 6.**

1921 (janeiro ou março) — encontro com seu Ribeiro — **Narrado no capítulo 7.**

1926 (janeiro/março) — salto de cinco anos: visita do governador — **Narrado no capítulo 8.**

1926 - 1927 — Margarida, decisão de casar — **Narrado nos capítulos 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16.**

1927 — casamento — **Narrado no capítulo 17.**

1927 — brigas e nascimento do filho — **Narrado nos capítulos 18, 20, 21, 22, 23.**

1929 (janeiro ou março) — festa do segundo ano de casamento — início do ciúme — **Narrado nos capítulos 24, 25.**

1930 (janeiro ou março) — agravamento da crise matrimonial e morte de Madalena — **Narrado nos capítulos 26, 27, 28, 29, 30, 31.**

1930 — Revolução de 1930 — **Narrado nos capítulos 31, 32, 33, 34.**

1931 — crise — **Narrado no capítulo 35.**

1932 — escritura do livro (de março a julho) — **Narrado nos capítulos 1, 2, 19 e 36.**

A data do retorno a Viçosa é uma ilação absoluta. Exceto por alguma distração de minha parte, não há nenhum dado no romance que permita dizer quando Paulo Honório voltou para sua terra natal. O que manteria aberta a possibilidade aventada de *São Bernardo* ser uma “continuação” de *A bagaceira*.

Pela forma como narra a compra de São Bernardo, parece que se passam alguns meses — seguramente mais de dois — entre a volta e a compra: há um processo de endividamento de Padilha, e isso requereu um certo tempo. A impressão que fica, no entanto, é que o processo foi bastante rápido, o que corrobora a tese de que Paulo Honório não estaria sozinho na empreitada da compra. Acho pouco provável que entre a volta e a compra se passe perto de um ano.

Por outro lado não há indícios de que entre a volta e a compra de São Bernardo tenham se passado anos. Há um forte indício de que entre a volta a Viçosa e o início do endividamento transcorram dois meses. A proposta de 1918 é apenas algo que me parece de bom senso. Mais adiante, no entanto, apresentarei uma proposta, bastante discutível, no entanto, de que a data de 1918, 1919 é, literariamente, bastante aceitável. Mas, como disse anteriormente, creio que Graciliano deixou essa data tão em aberto não só para que várias possibilidades de interpretação sejam possíveis, mas também para que vários elementos possam fazer parte da análise.

Sabemos que a fazenda foi comprada num dia de inverno, com muita chuva. Sabemos também que o “inverno” nordestino é o equivalente ao verão oficial: chama-se inverno por ser o verão chuvoso e talvez “mais frio” que o tempo de estiagem, o inverno oficial. Se Paulo Honório comprou a fazenda no inverno nordestino, só poderia tê-la comprado, segundo minha ótica, em janeiro ou março de 1919.

Gostaria aqui de explicar a insistência de minha parte em datar todos os acontecimentos como sendo de janeiro ou março. Existem três motivos para isso. Primeiramente o *meu desejo de estruturar arquitetonicamente* o livro, já que toda obra de arte, incluindo aí o romance, é uma estruturação estética.